

No seu magnífico *O Amanuense Belmiro*, diz Ciro dos Anjos que lá em Vila Carabas se dizia *Valsa-Viana* por *Varsoviana*, nome de uma peça musical popularizada. (v. *O Amanuense Belmiro*, 2ª ed., José Olímpio Editora, Rio, s/d, p. 20). Não sabemos se se trata de fantasia do romancista ou de reminiscência do escritor que, aliás, se revela, em vários lugares do livro, muito atento a fatos de língua, sobretudo da linguagem popular.

A minha colheita pessoal é bem mais farta, vai bastante além do que o que para estas colunas carreei. Fico, porém, aqui, por não abusar da paciência do leitor amigo. No entanto, o que se apontou e comentou é bastante expressivo para mostrar a força da inventiva popular e o poder de associação, aliás muita vez falta de lógica, que tem o povo. O estudioso de questões de Filologia e de Lingüística não pode esquecer-se da existência do fenômeno que hoje nos serve de assunto, sob pena de ficar embaraçado e sem saída diante de problemas de fácil solução.

Notas:

- 1) Observou Leite de Vasconcelos, em Portugal, a mesma transformação: “já nu’há céu”. Dá a entender o Mestre que o fenômeno lá é generalizado entre as mulheres do povo.
- 2) No livro de Saussure não se faz referência a estoura denominação.

(In *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18-8-1946.)

LINGÜÍSTICA, FILOLOGIA E CONHECIMENTO DA LÍNGUA.

(1973)

[Comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, em Niterói.]

A rigor, não vou fazer uma comunicação, mas simplesmente expender algumas considerações que não me parecem impertinentes ao temário deste Congresso, embora eu tenha plena consciência de que possa estar sendo um impertinente no juízo dos ilustres congressistas.

Posso justificar-me fazendo minhas as palavras de um grande brasileiro, infelizmente esquecido, Júlio Maria: “Se nos meus pensamentos e reflexões acharem alguma valia, continuarei a pensar e a refletir; se não acharem nenhuma, continuarei também”. Isto poderia parecer nele, e em mim, desprezo pelos outros, mas não é. É respeito pela atividade da inteligência.

Ninguém realmente nega que um dos característicos mais sensíveis da crise espiritual dos nossos dias seja o irracionalismo. Ou, para sermos mais enérgicos e mais exatos, a *logofobia*, como diz Jacques Maritain.

Tudo que se apresenta como pensamento disciplinado, coerente, lógico, ordenado, com início, meio e fim, e com argumentos justificativos é liminarmente repellido. No jargão corrente tacham de “quadrado” o autor; na linguagem de gabinete, dizem que ele *se fixa* em posições, quando só interessa levantar problemas, fazer indagações, pôr dúvidas, manifestar ceticismo sistemático, tudo num agitado “provisorismo” reverentemente inclinado ante o *chronos*. É a reedição de Heráclito, sem a aflição de Heráclito.

Em Lingüística teórica não me filio, como sabem, à corrente chomskiana. Estou até bem distante dela.

Por isso mesmo, tem sua significação o fato de eu buscar em Chomsky apoio para a minha primeira série de observações.

Diz o mestre americano, justamente no livro apresentado como mais importante, a *Lingüística Cartesiana*, que houve uma ruínosa interrupção no “pensamento racionalista” aplicado à Ciência da Linguagem e que é urgente reatar os fios.

Entende ele que hoje em dia se está descrevendo muito bem cada língua, mas que isto não basta. A ciência não pode contentar-se com essa atitude periférica: tem de aspirar à explicação dos fenômenos.

De fato, Chomsky louva os gramáticos-gerais do século XVII e do século XVIII “por terem acentuado a importância da procura de princípios universais e de uma explicação racional do fato lingüístico” ⁽¹⁾.

Se me permitem, digo, entre parênteses, que Chomsky labora em equívoco quando caracteriza como “cartesiana” a doutrina desentranhável da *Grammaire Générale et Raisonnée*, de Arnauld e Lancelot, mais conhecida por *Gramática de Port-Royal*. Ela é de 1660. Dois anos depois, o mesmo Arnauld, agora com a colaboração de Nicole, publica a *Logique de Port-Royal*.

A circunstância de ser jansenista o autor e de haver influências de Descartes no pensamento dos teólogos e filósofos do movimento heterodoxo francês não faz que a Lógica e a Gramática, livros intimamente ligados, sejam cartesianas.

Na verdade são clássicas, escolásticas, radicalmente aristotélicas.

Para documentar o equívoco chomskiano, basta este trecho: a *Gramática de Port-Royal*, por exemplo, começa a discussão da sintaxe com a observação de que há “trois operations de notre esprit: concevoir, juger, raisonner” (p. 27) [“três operações de nosso espírito: conceber, julgar e raciocinar”], das quais a terceira não tem importância para a gramática (é retomada na *Lógica de Port-Royal*, que apareceu dois anos mais tarde, em 1662). Partindo do modo pelo qual os conceitos se combinam no juízo, a *Gramática* deduz o que julga ser a forma geral de todas as gramáticas possíveis, e passa a elaborar esta estrutura

universal subjacente considerando “la manière naturelle en laquelle nous exprimons nos pensées” (p. 30) [“a maneira natural em que exprimimos nossos pensamentos”]. A maior parte das tentativas seguintes de criar um esquema de gramática universal foram feitas seguindo estas mesmas linhas”⁽²⁾.

Ora, quem conhece os primeiros rudimentos da Lógica aristotélica sabe que o Estagirita ensina serem três as operações do espírito: simples apreensão, formadora da *idéia*; *juízo*, comparação de duas idéias; e *raciocínio*, encadeamento de juízos. A expressão verbal da idéia é o *termo*; do juízo, a *proposição*; do raciocínio, o *argumento*.

Daí sai o esquema da gramática clássica, reformulada no século XVII, eventualmente com mais clareza, mas sem qualquer novidade essencial.

Quanto à importância do *uso* como gerador de norma, também parece enganar-se Chomsky, porque traz à baila Vangelas e Lamy, transcrevendo deste o passo em que apresenta o uso como “le maistre et l’arbitre souverain des langues”. Isto faz pensar que o famoso lingüista se esqueceu de Horácio, na *Epistula ad Pisones*: “si uolet usus, quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi”. Estou certo de que é esta a fonte de Vangelas, de Lamy e da própria *Grammaire Générale*.

Ainda vou estender o parêntese: pedirei atenção para um problema sério, que devia preocupar a todos nós e que, em artigo publicado há tempos, chamei “drama da cultura”. Escrevi-o a propósito de uma bela conferência de Eugênio Coseriu, na Biblioteca Nacional, em que ele mostrava diversas coincidências entre conceitos lingüísticos de Platão e Aristóteles e certas posições da Lingüística Moderna (não digo contemporânea...)

Homens inteligentes, honestos, excelentes pesquisadores, seguros no processo mental da indução descobrem, a duras penas, o que já fora descoberto e sistematizam o que já tinha sido sistematizado, não raro melhor. É o que acontece, por exemplo, com a teoria do sinal, esboçada por Saussure, porém já muito antes aprofundada e desdobrada por Aristóteles, Tomás de Aquino e João de Santo Tomás, como o demonstrou Herculano de Carvalho...

Terminado o excursão, voltemos a Chomsky. Penso que uma das causas (não a principal) do seu incontestável prestígio é a denúncia da pobreza e superficialidade da Lingüística americana contemporânea, incapaz de explicar os fatos minuciosamente descritos.

Todos os adeptos dos estruturalismos, apesar de entusiasmados com as doutrinas de primeiro e segundo plano e com a insólita nomenclatura, sentiam certo mal-estar, certo vazio, sentiam a falta de pontos de referência. Voltar atrás não lhes era possível, porque ficariam monologando, como fantasmas, entre os fervorosos adeptos da religião nova - a *cronolatria epistemológica*. A

tábua de salvação vieram a ser as concepções de Chomsky, que tem a vantagem de ser destacada figura da *new-left*, e, portanto, não envergonha ninguém.

Apesar da sua escassa formação filosófica, o mestre americano viu que ciência puramente descritiva, periférica, pragmática não é ciência. *Scire per causas...* É preciso explicar. A inteligência imperiosamente exige que se atravesse a superfície das coisas e que se vá até o âmago: “estrutura superficial, estrutura profunda”. Tirado, nesta dicotomia, o jargão “estrutura”, o resto é sadio, e corresponde a uma insofreável necessidade intelectual.

Dentro ainda dos esquemas e da crítica de Chomsky, extraíndo-lhes o espírito, ousou dizer que ele entende ser a Linguística contemporânea uma simples metodologia. Descreve bem e miudamente as línguas, tem processos seguros para tal, mas não passa daí; não explica.

Sim, não explica, digo agora eu, porque os homens do nosso tempo se tomaram de horror ao pensamento organizado, à descoberta de algo fixo, que comprometa, que obrigue, à “pedra no meio do caminho”. É a *logofobia* de Maritain.

Negaram a natureza das coisas, negaram o princípio de identidade e o da não-contradição, afirmaram que a realidade é essencialmente cambiante, é um *perpetuo mobile*. Portanto, o homem, também volúvel, é mero espectador do *panta-rêi*.

O resultado só pode ser pragmatismo, tecnicismo, imediatismo, presentismo, atitudes inimigas da ciência “conhecimento certo, pelas causas”.

A crise é inegável. Talvez seja Noam Chomsky, apesar dos pesares, o pioneiro de uma volta à normalidade.

Nada mais natural nem mais previsível do que a perda de prestígio da Filologia, como consequência do culto e dos progressos materiais da Linguística descritivista. O atual predomina sobre o passado, o itinerante sobre o assentado, o revolto sobre o tranqüilo, o coloquial sobre o escrito, a fala ocasional sobre a habitual.

Ora, por mais que se queira sofismar, os textos são fixos. Muitas vezes documentam a língua de outros tempos, eventualmente remotos, ou até muito remotos. Desde logo, um objeto desinteressante. Por outro lado, dá muito trabalho estar horas infinitas a cotejar edições, lições, códices, variantes.

“A mocidade de hoje não está para se maçar”, observava-me outro dia um ilustre médico português, e ninguém lho pode contestar.

Vale a pena, sim, ditar normas rígidas, severas, objetivas, isentas, materialíssimas - para o estabelecimento de textos. Mas aplicá-las, não. Rever provas tipográficas cinco e seis vezes, não! Fica para o *profanum vulgus*, para os trabalhadores braçais das Ciências da Linguagem.

Mas... ainda nos raros casos de textos muito bem estabelecidos, é comum virem eles secos, desprovidos de qualquer explicação ou comentário; apenas acompanhados das variantes, no local devido.

Porque essa diminuição, esse empobrecimento, se a Filologia tem por tarefa estabelecer, explicar e comentar textos, segundo um conceito geralmente aceito, apesar de muito antigo?

A mim me parece que a causa está no progressivo descaso pelo conhecimento da língua.

A princípio difundiu-se a idéia de que só valia a pena conhecer e ensinar a língua contemporânea. Foram abandonados os autores, grandes e pequenos, de eras pretéritas. As antologias só ofereciam textos de escritores vivos, sem outro critério que não o da atualidade. Já não se fala em *bom* escritor, mas simplesmente em *escritor*. Nas escolas só se lêem tais autores, principalmente quando bastante realistas, porque a juventude de hoje precisa estar inserida na problemática de hoje.

E assim, a pouco e pouco, mas muito depressa, a gente nova, inclusive a universitária e a voltada para as letras, ficou reduzida a uma espécie de *basic-portuguese*, *basic-french*, fortemente pigmentado com a chamada gíria dos *teen-agers*.

Então acontece que até gente de grandes responsabilidades afirma não existir neste ou naquele país tal ou tal construção, simplesmente porque o pesquisador não a detectou e o professor não a conhece. Não existe, porque ele não a ouviu. Espécie de radical idealismo, segundo o qual as coisas existem ou não existem, porque eu as penso ou não as penso.

Eu iria longe se quisesse prosseguir, sobretudo exemplificando. Poderia tomar certas traduções de livros muito atuais, em que o tradutor deixou à mostra sua evidente falta de senso idiomático. Mas não posso nem devo exceder os razoáveis limites de tempo.

Para terminar, gostaria de sugerir que aproveitássemos este encontro, esta oportunidade, este brado de alerta dado pelo lingüista mais em voga, para reparar os estragos, reconquistar o terreno perdido e reatar o fio partido da tradição, no seu sentido próprio e etimológico.

⁽¹⁾ Chomsky, Noam. *Lingüística Cartesiana (Um Capítulo da História do Pensamento Racionalista)*. Tradução de Francisca M. Guimarães. Petrópolis – São Paulo, 1972.

⁽²⁾ Id., *ibid.*, p. 43.

(Texto policopiado e distribuído aos participantes do Congresso, em novembro de 1973, não revisto pelo autor.)